

CIÊNCIA E MÉTODO EM MANUAIS DE SOCIOLOGIA

José dos Reis SANTOS FILHO¹

- RESUMO: O tratamento dado pelos manuais à questão do método torna ausentes caracterizações de natureza ontológica, gnoseológica, epistemológica e antropológica. Em concreto, isso significa um esvaziamento da Sociologia como empreendimento (científico) total. É algo cujo sinal mais evidente é dado pela redução da ciência ao método. Rigorosamente, tal redução implica uma sobrevaloração do método e acarreta uma verdadeira desvalorização da Sociologia como investimento com intencionalidade científica.
- PALAVRAS-CHAVE: Sociologia; teoria do conhecimento sociológico; método.

Nunca havia entrado em cemitérios e habituara-me a receá-los, por causa dos espectros que me descreviam na cozinha.

(Graciliano Ramos)

Quem quer que mantenha contato com projetos de pesquisa já se confrontou com problemas cruciais relativos ao método, aos “procedimentos metodológicos”. São problemas que parecem exigir uma investigação específica no terreno mesmo da formação de jovens pesquisadores e, certamente, nos conteúdos e significados dos programas de graduação nas áreas de teorias, métodos e técnicas de pesquisa. Tendo esse

¹ Departamento de Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP. E-mail: reis@fclar.unesp.br.

quadro como referência, longe de concordarmos com uma redução do método a descrições de idas e vindas a arquivos, realizações de entrevistas, questionários e formulários, sugerimos a necessidade de uma reflexão que viaje às trajetórias já percorridas por seus significados e, em consequência, por sua importância.² Nessa direção, nosso objetivo aqui é discutir, num diálogo com a história das ciências, o contexto de existência das formas normais de apresentação do método em manuais, alguns dos quais constantes nas estantes de referência. Antes de chegarmos a esse ponto, entretanto, faz-se necessário um preâmbulo quanto ao modo de encarar a questão.

Preâmbulo único: contingências e significações

Não são poucos os objetos de investigação que parecem estar sempre disponíveis em ciências sociais. É uma disponibilidade que leva ao plural. Sobre o método, por exemplo, não há uma leitura, mas leituras. Não há uma interpretação, mas interpretações. Por isso, talvez, uma dificuldade em sugerir, ante as leituras, cotejadas as interpretações, um texto único que represente o método por meio de uma manifestação paradigmática de todos os exemplares de sua espécie. De fato, quando mencionamos método em Sociologia, não obstante a possibilidade de identificação de traços matriciais comuns, ocorrem-nos de imediato pelo menos três grandes referências clássicas consideradas até hoje como irredutíveis umas às outras. Na verdade, elas tornaram-se, pelos anos que nos separam de suas primeiras aparições, campos de disputas. É nesse âmbito que continuam a ser recriadas, da mesma forma que conferem legitimidade àquilo que, na reflexão sobre o social, apresenta-se como intencionalidade científica. No limite, em outra chave, no jogo das relações sociais, por meio de não poucas simplificações, seu uso chega a conferir identidades àqueles que as manipulam. A tal ponto a discussão sobre o método envolve questões, que não é difícil falar em sua historicidade.

Trata-se de uma historicidade cujo estudo não pode deixar de considerar o que aparece como características conceituais endógenas ao

² Para uma discussão sobre traços da trajetória do método como questão, ver Santos Filho, 2000.

próprio desenvolvimento de um campo de reflexões com vocação científica. Mas, justamente porque nos interessa um objeto que não se manifesta fora de quadros institucionais, sugerimos não ser possível fugir à existência de marcas de época filtradas e trazidas à produção por meio de óticas individuais. E, se isso é verdade, insinuamos que essas marcas podem e devem ser identificadas nos núcleos teóricos que adquiriram significação ao tornarem-se instituintes e constituintes de um imaginário próprio ao fazer ciência. Vejamos, no âmbito de nossas preocupações, como isso é perceptível.

Bacon e Descartes são responsáveis por aproximações que buscam dar conta de toda uma nova predisposição do homem em relação à natureza, a si mesmo e ao social. Longe de terem morrido em sua época, como todos sabemos, são formulações que assumiram permanência por meio de (re)interpretações.³ Salta aos olhos, por exemplo, que, desde seus momentos de desbravamento, a Sociologia tenha bebido nessas reflexões. “Conhecer é poder”, por exemplo, é uma expressão presente no século XVII, naqueles filósofos, e nas ciências sociais, no século XIX. Nós vamos encontrá-la vestida em roupas diferentes não apenas em Durkheim, mas também em Marx. Como entender a transposição desse elemento para as recém-nascidas ciências do social? Por que a opção por essa herança? Como se deu sua aceitação como valor? Em que medida essa mesma valoração marca, mais especificamente, a definição do objeto da Sociologia?

São perguntas que, nos limites deste artigo, não podem ser adequadamente enfrentadas. Mas talvez convenha insistir, apenas para sinalizar alguns dos elementos que configuram fios condutores da história de nossa discussão, que não poucos perceberam naquele jargão uma espécie de palavra de ordem na direção da submissão da natureza ao homem. É uma linha de compreensão facilitada por duas idéias complementares e sedimentadas no imaginário social sobre a ciência já no século XVII:⁴ “ciência e poder coincidem”; “a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece”. Fazem parte do conteúdo do aforismo III do *Novum Organum* (Bacon, 1984, p.13). Chegam à metade do século XX por

3 E esse trânsito, algumas vezes conespício, outras promiscuo, é tudo, menos raro. Basta lembrar que a discussão sobre o método no que se convencionou chamar de era moderna aparece no quadro – e, ao mesmo tempo, em contraposição – de uma herança atualizada pela escolástica, é certo, mas cujas raízes nos jogam em uma história que começa com os gregos.

4 No rigor, é uma idéia cuja presença talvez deva ser rastreada a partir de um período muito mais longo. Ver Nascimento, 1998, p. 89-152.

meio de múltiplos caminhos e com leituras críticas o suficiente para despertar a desconfiança nessa capacidade do fazer científico. Assim, para membros da *Escola de Frankfurt*, a história dos esforços do homem em dominar a natureza teria sido a mesma história de dominação do homem pelo homem⁵ (Horkheimer, 1974, p.114).

De qualquer forma, retomando a linha de nosso pensamento, aquelas perguntas estão enraizadas em condições bastante concretas quando pensamos no método. Isso, se levarmos em conta que, polítipo e polisêmico, ele é compreendido – adiantamos, como instrumento de acesso – mediação teórica e prática – a diferentes facetas da realidade. De fato, desde as primeiras reflexões sobre a instituição da ciência, com variações de tonalidade, o método já foi apresentado como condição para o poder de bem julgar, para a aplicação das forças do espírito nas escolhas dos caminhos a seguir, tanto quanto de aquisição de todos os bens que se podem adquirir.⁶

E, se essa constatação se sustenta, novas indagações emergem. Assim, quanto à definição do papel do método: no contexto dessa valoração, é possível deixar de lado as formas concretas de construção de um poder ao pensá-lo? Sobretudo, é importante considerar, mais além da vontade da Sociologia em conquistar o prestígio das ciências da natureza por mimesis, as dimensões de significação dessas formas? Ademais, como ocorre a produção de valores, de significações em torno de um campo de estudos como o método? Por que estas e não outras significações? Além disso, por meio de que situações é possível pensar concretamente aquela consigna importada do século XVII em sua relação com o método?

São perguntas enormes, cada uma delas com uma abrangência que, novamente, escapa em muito às possibilidades de nosso artigo. Servem-nos, no entanto, em primeiro lugar, como sinais de fatos que podem constar de uma agenda positiva de pesquisas. Mais a mais, obrigam que coloquemos, agora, traços de uma metodologia – já insinuada – que nos permita o acesso ao objeto de nossas preocupações.

5 Para uma apreciação crítica dos autores (entre os quais Horkheimer) que estabelecem relações de responsabilidade entre "fetichização da ciência moderna" e "os fundadores do pensamento moderno", o capítulo *A ciência e a filosofia dos modernos* de Rossi (1992) é bastante sugestivo.

6 Ver Descartes, 1965, é claro. Mas considerar também a observação de Mészáros (1996, p.314) para quem as correntes de pensamento do século XX são dominadas por abordagens que tendem a articular os interesses e os valores sociais da ordem dominante por meio de mediações complicadas – às vezes completamente desnorteantes – no plano metodológico.

Uma definição

O momento é, portanto, de estabelecimento de uma definição instituinte de um norte. Ela será a referência pela qual poderemos julgar a produção concretizada sobre nosso objeto. Assim, olhando para uma tradição cujos antecedentes remotos nos conduzem aos gregos, tornando-se objeto de atenção sistemática entre os modernos, encontrando ancoradouro em um campo que se legitima e se sedimenta como conhecimento científico, vindo a interpelar e servir como referência a uma reflexão sobre o social que se quer livre dos traços da teologia e da filosofia, a ponto de marcar de modo definitivo os clássicos da Sociologia, nomeamos *método do conhecimento sociológico* uma estratégia que, no contexto de certos pressupostos ontológicos, gnoseológicos, epistemológicos e, mesmo, antropológicos, comporta um conjunto de operações conceitualmente norteadas que fazem emergir como acontecimentos teóricos os objetos do conhecimento pretendido, em nosso caso, pela Sociologia (Santos Filho, 2000, p.160-1).

De valor heurístico decisivo, a definição – por mais provisória que reivindique ser – afirma uma representação daquilo que está em jogo na discussão. Ela sugere, em um primeiro momento, o fato de o empreendimento sociológico ter exigido um *corpus* que o fundasse, diferenciando-o de outros saberes. Mas, no que nos diz respeito mais de perto, insinua pelo menos quatro referências que dão contexto ao método como objeto de reflexão e a qualquer caracterização sua como momento de uma prática que pretenda a intencionalidade científica. O primeiro, ontológico, remete para uma discussão sobre a natureza da realidade social proposta como objeto de estudos pela Sociologia.⁷ O segundo lida com questões como a possibilidade, origem e verdade do conhecimento em geral. Não são poucos os que o reconhecem como *gnoseologia*, assim como não são poucos que a acreditam vítima dos tempos.⁸ Da mesma forma, não são diminutos os que reivindicam filiações a teorias do conhecimento oriundas de grandes e reconhecidas correntes filosófi-

7 É algo com presença visível entre os fundadores. Para uma discussão em torno de Durkheim, ver Giannotti, 1977. Sobre Marx, a sugestão é Lukács, 1978. Mais a mais, considerando aqueles que normalmente subestimam sua contribuição, convém não esquecer que, em suas origens, o positivismo remete especificamente a uma ontologia, a uma teoria em torno da estrutura e do desenvolvimento da realidade social (Bryant, 1985, p.11)

8 Como é o caso de Habermas, em *Conhecimento e interesse*, 1982. Para um comentário, ver Bernstein, 1988, p.18.

cas.⁹ O terceiro transforma o conhecimento científico em objeto de estudo específico. É comum tratá-lo sob o nome de *epistemologia* e tem recebido maior atenção por parte dos estudiosos. O quarto, o viés antropológico, nem sempre é bem compreendido por aqueles que se dedicam ao social, mas informa com certeza as obras fundamentais dos clássicos.¹⁰

Sobrevaloração do método

No limite, é uma definição que colabora na percepção das questões que precisamos localizar e enfrentar. Contribui, de imediato, para desvelar o fato de os manuais partirem, em número expressivo, de pressuposições que não julgam necessário trazer à luz.¹¹ Trabalham a partir de ausências de compreensão de uma bela quantidade de idéias, noções e categorias. E, ao que tudo indica, essa situação não é casual ou gratuita. Nesses contextos – essa é a questão central, substituem o *corpus* que torna a ciência um empreendimento total, reduzindo-o a um de seus elementos: o método. E, se isso faz algum sentido, precisamos reconhecer que as ciências sociais vivem, nas páginas dos manuais, há algum tempo, uma *condição de sobrevaloração do método*.¹² Neles, em con-

9 O próprio Durkheim (1978, p. xvii) se percebia como “racionalista”. É eloqüente sua auto-representação no parágrafo final da primeira introdução de *As regras do método sociológico*. Ver também Lukes, 1977, p. 72 ss.

10 Para uma discussão polêmica que busca trabalhar os pressupostos antropológicos da obra de Marx, ver, entre outros, Fromm, 1983. Para uma leitura também datada que atravessa a fronteira dos tópicos que enfrentamos, mas que explora as potencialidades do marxismo na direção de uma teoria sobre o homem, ver Séve, 1973.

11 Kuhn é um dos autores que atribuíram papel fundamental aos manuais no que chama de “ciência normal”. Fontes de autoridade, os manuais científicos referem-se, na formulação de Kuhn, a um corpo já articulado de problemas, dados e teorias e muito freqüentemente ao conjunto particular de paradigmas aceitos pela comunidade científica na época em que foram escritos. Comunicam o vocabulário e a sintaxe de uma linguagem contemporânea. Com função pedagógica imprescindível, portanto, eles cumprem também um papel de ocultamento. Na medida em que registram o *resultado* estável das revoluções científicas passadas, fazem-no limitando-se a pôr em evidência as bases da tradição corrente da ciência normal. Ao realizarem essa tarefa, não é necessário que proporcionem informações autênticas a respeito do modo pelo qual essas bases foram inicialmente reconhecidas e posteriormente adotadas pela profissão. Os manuais teriam inclusive boas razões para serem sistematicamente enganadores nesses assuntos. Para maiores detalhes, em tradução discutível, ler especialmente capítulos 1, 10 e 12 de Kuhn, 1982.

12 Não por acaso, uma incursão à bibliografia especializada registra os sinais dessa conclusão que é, ao mesmo tempo, um ponto de partida. Um ponto de partida na direção de hipóteses em torno dos antecedentes dessa sobrevaloração do método, é certo, mas também: 1. da caracterização do método nesse quadro que, aparentemente não foi previsto pelos fundadores; 2. de um pequeno mas importante número de temas que fazem diferença na discussão sobre o método, desde o ponto de vista da teoria do conhecimento científico.

creto, o método é apresentado como o meio privilegiado (e, em não poucas ocasiões, exclusivo) de definição da ciência. Paradoxalmente, no entanto, na medida em que são retirados da discussão – explícita ou implicitamente –, os elementos ontológico, gnoseológico, epistemológico e antropológico que constituiriam seu *corpus* de realização, a sobrevalorização do método não possui outro significado senão o de *desvalorização da ciência como fato total*.

Citemos Sellnitz.¹³ Ele e seus associados reivindicam que o objetivo da pesquisa é descobrir respostas para perguntas, pelo emprego de processos científicos. E informam que tais processos foram criados para aumentar a probabilidade de que a informação obtida seja significativa para a pergunta proposta e, além disso, seja precisa e não-viesada (Sellnitz, 1974, p.5). A leitura do texto nos permite distinguir esses processos como métodos, mas não há nada que os justifique como parte de um corpo cuja finalidade última é fundar e sedimentar um certo tipo de conhecimento,¹⁴ pois, afinal, é disso que se trata.

Um outro exemplo mostra que, mesmo quando alguma profundidade é almejada, os problemas que apontamos persistem. Assim é que Gadourek esboça uma justificativa para o método, caracterizando a ciência como um empreendimento que tenta dar respostas significativas e racionais a perguntas que lhe são apresentadas. Na verdade, segundo ele, “o processo de apresentação de questões, a partir do qual na maior parte das vezes a investigação começa, pode também caminhar de uma maneira racional e consciente” (1972, p.13). Tomado no rigor, seu texto apresenta o método como legitimador da ciência. No limite, o que importa para uma diferenciação entre o conhecimento científico e qualquer outro tipo de conhecimento é o método.¹⁵

Kerlinger nos pareceria entregar algo mais, se nos limitássemos à primeira frase de seu livro. É uma pergunta bastante sugestiva: “como conhecemos o mundo”? De várias formas, responde ele. Uma delas, pela ciência. Mas como compreendemos, aqui, ciência? De novo, na resposta, o componente que já identificamos: a ciência é uma vez mais reduzida ao método. De forma literal: “a ciência se desenvolveu, em parte, pela necessidade de um método de conhecimento e compreensão mais

13 Seria extensa uma lista mais completa. Os exemplos aqui lembrados valem exatamente pelo que são: exemplares de uma espécie.

14 A falta de preocupação com um embasamento epistemológico é tão grande, que os autores só sentem necessidade de falar em teoria no último capítulo.

15 Uma discussão mais abrangente de textos como este abrigaria o enfrentamento de definições como a recém-mencionada. Lembraríamos, então, que “racionalidade” e “consciência” não são monopólio do método ou da ciência.

seguro e digno de confiança do que os métodos relativamente desprovidos de controle geralmente usados" (Kerlinger, 1980, p.1).¹⁶

Como tema, portanto, o método é tratado como tópico que merece atenção especial. Como questão, tornou-se inevitável reconhecer nele um dos aspectos pelos quais "a ciência pode ser tomada". Compreendê-lo, caracterizá-lo aparece, então, como momento de definição da própria ciência. Nessa direção, Bernal (1971, p.18), por exemplo, dirá que método (e, por conseqüência, ciência) é "um número de operações, algumas mentais, outras manuais". Observação e experiência, classificação e medição, ferramentas, leis, hipóteses, teorias, linguagem, estratégia, são, todos, elementos constituintes disso que o autor considera como método. Sua análise não cai no reducionismo simplista. Consegue perceber no método *um* dos aspectos pelos quais a ciência pode ser descrita. É verdade que, ao deixar de enfatizar aquilo que, eventualmente, consideraria como o(s) traço(s) fundamental(is) de caracterização da ciência, nivela cada um desses aspectos pelos quais "pode ser tomada", tornando-os indistintos, impossibilitando uma definição mais rigorosa dos elementos essencialmente constitutivos do *corpus* desse investimento que nos acostumamos a chamar de ciência.¹⁷

Não parece que estejamos tratando com ingenuidade ou erro. Não parece, tampouco, uma compreensão isolada. Carregada de conseqüências, é generalizada o suficiente para que busquemos localizar hipóteses que contextualizem o fato.

O viés da ênfase

A tensão existente no tratamento dado à relação entre ciência e método não é estranha ao historiador. Foi enorme o peso atribuído ao papel do método nos primórdios da ciência moderna. E isso é compre-

16 Ainda que presente, a expressão restritiva "em parte" não parece possuir a força que deveria ter.

17 Os outros aspectos são: a ciência como "uma instituição na qual centenas de milhares de homens e mulheres encontram suas profissões"; "uma tradição cumulativa" em que "a ciência a qualquer momento é o resultado total de tudo o que a ciência foi até aquela data", sem que "esse resultado seja estático"; a ciência como meio de produção, como um tipo de atividade social que não pode ser desvinculada da criação de meios de controle humano sobre o meio ambiente orgânico e inorgânico; a ciência natural como fonte de idéias, classificação sob a qual Bernal (1971, p.31-57) sugere a importância da base teórica que "conecta os resultados práticos da ciência e dá a eles uma sempre crescente coerência intelectual"; a relação entre ciência e sociedade, que indica a influência da ciência na sociedade por meio, de um lado, das "mudanças nos métodos de produção que proporciona", por outro, pelo "impacto de suas descobertas e idéias na ideologia do período".

sível. O destaque dado ao método nos finais do século XVI e durante o XVII expressava um contexto bastante específico. Descartes e Bacon, por exemplo, escreveram lutando contra a influência da escolástica e alguns dos elementos fundamentais de sua identidade. A neutralização dessa presença fazia parte de um programa que almejava um outro corpo de explicações sobre a natureza. Um *corpus* que, insistimos, não eludia o enfrentamento nos níveis ontológico, gnoseológico, epistemológico e antropológico. O esforço de fundação reivindicava uma nova cosmovisão. Era tudo, menos uma redução ao método. Mas, não obstante essa intenção de totalidade, há uma preocupação enfática quanto ao *caminho* da boa utilização do *intelecto*, do *bom senso*. Em outras palavras: uma preocupação que uma leitura rápida e descuidada pode privilegiar, lateralizando outros aspectos tão ou mais importantes e presentes nesses dois autores.

E, ainda assim, ao que tudo indica, foi um dos itinerários percorridos pelos anos que se seguiram. Nas obras de divulgação, é uma leitura que parece tomar uma forma ainda mais evidente quando são contemplados autores como Galileu e Newton. Deles, o que sobressairia é o desenvolvimento do método. Método que, por sua vez, é apresentado por meio de uma combinação que salienta os procedimentos experimentais e lógicos. Assim, nessa representação, Galileu teria submetido a teoria de Copérnico à prova prática do telescópio. Acima de tudo, teria combinado, em seu trabalho sobre a dinâmica, a observação e a indução com a dedução matemática, controlada pela experiência. Com isso, ele teria inaugurado o verdadeiro método da pesquisa física. Tudo, em oposição ao esquema autoritário tal como existia na escolástica. Newton, por sua vez, teria seguido um caminho parecido, uma vez que desenvolveu o método de investigação científica de Galileu (Dampier, 1986, p.78). Essa ênfase torna-se substantiva quando é atribuído às ciências empíricas um estatuto bastante especial: elas teriam salvo o homem da disjuntiva – conhecimento metafísico ou ceticismo absoluto. Com as afirmações baseadas em uma lógica empírico-hipotética, quem negasse um conhecimento metafísico absoluto não precisava, por isso, negar a ciência: podia restringir-se ao ponto de vista do conhecimento empírico (Stegmüller, 1977, p.7).

É esse, aliás, o quadro em que a crítica ao chamado “ideal da ciência pura” encontra um terreno fértil de desenvolvimento.¹⁸ Além de par-

18 O “ideal da ciência pura” é caracterizado como a “perseguição da Verdade por ela mesma”. Esse ideal é a “afirmação consciente de uma atitude social que fez muito para inibir o desenvolvimento

tir de uma concepção que articula o empreendimento científico a imperativos práticos, ela remete a um diagnóstico que tanto mostra ser isso, de fato, o que ocorre, como indicia supostas dificuldades da teoria do conhecimento científico em acompanhar as exigências do crescente desenvolvimento da pesquisa. De acordo com essa análise, no mundo de hoje, os avanços científicos estariam se processando a uma velocidade sem paralelo em nenhuma outra época da história. Em consequência, a rapidez com que a ciência empírica apresenta resultados seria maior que a agilidade de uma reflexão em profundidade sobre as condições em que o conhecimento se realiza (Brockman, 1988, p.16). Longe de ser questionada, no entanto, a posição empírica das ciências teria sido “coroada de êxito prático” (Stegmüller, 1977, p.9).

Assim, retornando ao argumento e seguindo o percurso realizado por Abbagnano, é forçoso dizer que o ponto fundamental que constitui o objeto da metodologia das ciências é, *atualmente*, o caráter operativo e antecipativo dos procedimentos de que se vale a ciência.¹⁹ Dirac, um dos fundadores da física quântica, em 1930, teria acentuado essa posição e afirmado que “o único objeto da física teórica é calcular resultados que possam ser confrontados com o experimento” (Abbagnano, 1982, p.226). Ao chegar a esse ponto, *a teoria do conhecimento se dissolve completamente na metodologia das ciências*.²⁰

Estamos lidando com traços de um fazer ciência que dão sinais de aparição durante as primeiras décadas de nosso século.²¹ Ao tentarmos localizar o ambiente sociocultural que cria as condições mais gerais de

da ciência e ajudou a colocá-la em mãos obscurantistas e reacionárias”. Em *contraposição*, defende uma concepção que tangencia o núcleo de um imaginário importado e desenvolvido no interior das ciências sociais, qual seja, a idéia de que a “ciência só se completa se indicações se seguem à sua prática”. Ciência é matéria de reflexão “continuamente trazida à prática e continuamente resfrescada pela prática” (Bernal, 1971, p.41). Para uma análise que conflui na mesma direção, ainda que a partir de um outro ângulo, ver Khun, 1987

19 A ênfase é nossa.

20 De outra forma, diríamos nós, apontando uma segunda redução que não pode ser discutida aqui: a sobrevaloração do método como momento identificatório fundamental da ciência foi acompanhada de uma redução da compreensão do método a operações, a técnicas.

21 A dificuldade em fixar o momento da “quinada histórica” é reconhecida. Bell, lembrado por Massi (1999, p.63), menciona como primeiro exemplo o ocorrido na Alemanha, quando, durante a guerra, sem suprimentos de nitrato, mobilizou o mundo científico para chegar à descoberta de um novo processo químico de produção de amoníaco sintético. Hegedus desloca o marco para 1944, quando o desembarque na Normandia foi simulado em suas possíveis modalidades, sem passar pela análise de suas condições. Uma terceira referência, novamente mencionada por Hegedus é o modo como trabalharam, em Los Álamos, os cientistas do Projeto Manhattan para construir a primeira bomba atômica. Finalmente, como quarta marca, o modo – método – pelo qual Griek e Watson chegaram à descoberta da dupla hélice do DNA em 1958.

tais empreendimentos, inserimo-nos de forma aguda no debate em torno da natureza da sociedade pós-industrial. Aqui, as mudanças ocorridas no seio mesmo das relações sociais de produção contextualizariam um enfrentamento entre o uso dos paradigmas tradicionais e a necessidade de novas categorias conceituais e metodologias de pesquisa. Massi dirá que a década de 1980 se caracterizaria pela tomada de consciência de que as visões de mundo com as quais o passado era pautado se teriam tornado insuficientes para explicar o presente.²² Citada por ele, Hegedus sustenta que o traço específico dessa sociedade é que, produzido pelo trabalho científico, o porvir não corresponde mais ao futuro. Seu tempo é o passado, seu objeto é o porvir, seu resultado, o presente. De fato, este presente transcreve escolhas de ontem, dizendo o que será amanhã – *yertertomorrow*. Ainda de acordo com Hegedus, o cume do problema é justamente a ciência e a profunda transformação do método científico, isto é, a passagem da descoberta para a invenção, da busca de solução para a busca de questões. Sua fundamentalidade estaria no fato de que, a partir dos anos 40, foi-se firmando um modelo social totalmente novo em que a produção científica e cultural ocupou papel central, antes desempenhado pela produção manufatureira. Desde então, seria possível projetar do zero modelos inexistentes na natureza e, assim, construí-los. Uma vez acumulado um número enorme de informações, o problema não é mais descobrir, mas inventar. Nesse processo, deixa de existir um único caminho, o mais correto para resolver cada problema. O objetivo é fixado antes de examinados os fatores externos que condicionariam sua consecução. A resposta programada (possibilitada graças à capacidade de produção e de processamento ao infinito) consiste em buscar várias soluções possíveis (com o processamento e a produção das informações) (Massi, 1999, p.62-6). Nesse quadro, a ciência avançaria com o auxílio de novos procedimentos. Procedimentos que eludem, como vimos, os parâmetros de uma definição apoiada naquilo que foi estabelecido pela tradição.

A ciência do social

São considerações que, nos contextos em que foram apresentadas, aparecem com a força de constatações. *Grosso modo*, apresentam-se

22 É uma discussão que Massi busca retratar por meio de uma incursão a autores e textos que marcam a produção acadêmica sobre o assunto. Ver Massi, 1999. Para uma caracterização geral, ver sua introdução.

também como passíveis de extensão às ciências sociais. Na Sociologia, ao que tudo indica, no entanto, nossa discussão deve acrescentar um outro fator de relevo – um fator que reclama singularidade. Referimo-nos aos elementos que costumam estar abrigados sob a expressão *crise das ciências sociais*.

Ianni (1990, p.90), com um certo dedo de ironia, sinaliza o ponto que desejamos ressaltar. Em suas palavras, a crise da Sociologia tem sido proclamada por muitos. Mas existiria “algo imaginário” em seu debate. Isso, porque se há impasses reais no presente, é verdade que “as controvérsias sobre o seu objeto e método são mais ou menos permanentes”. Schwartzman (1991, p.51), por sua vez, é mais enfático ao dizer que “as ciências sociais sempre viveram em um estado de crise mais ou menos permanente”. “Controvérsias” ou “crises”, “imaginárias” ou “reais”, o que nos interessa aqui é o fato de os autores sinalizarem o caráter de permanência do acontecimento. Esse traço, queiramos ou não, remete aos alicerces da disciplina. É algo que a diferenciaria, por exemplo, das práticas da Astronomia, da Física, da Química ou da Biologia. Estes são campos que normalmente não evocam as discussões sobre fundamentos na forma como parecem endêmicas entre sociólogos. Kuhn (1982, p.13), sobre esse aspecto, mencionando especificamente a década de 1960, considera impressionante o número e a extensão dos desacordos expressos existentes entre os cientistas sociais, no que diz respeito à natureza dos métodos e problemas científicos legítimos.²³

Reconhecida, a questão surge como um estado que cria dificuldades para o próprio emprego da palavra “crise”. Sugere-se, então, uma complexidade que remete às bases, aos elementos instituintes de um saber sobre o social que se apresenta como empreendimento com intencionalidade científica. Aron (1985, p.13) é positivo ao fazer constar que a

23 Se uma definição em torno da existência de uma crise no âmbito da Sociologia é deixada em aberto, isso se deve ao fato de tratar-se de algo que não pode ser aprofundado aqui. Há indícios suficientes, no entanto, para que consideremos esse um tema que mereceria um estudo mais acurado, principalmente em seus aspectos relacionados ao método. Se considerarmos apenas nosso século, trata-se de uma questão que merece atenção, com certeza, já a partir dos anos 1900-1905. Lembremo-nos de que já nessa época Husserl anuncia uma *Crise das ciências do homem*. Seria uma crise provocada pelo desenvolvimento das pesquisas psicológicas, sociológicas e históricas. Por paradoxal que isso possa parecer, em sua origem estaria o fato de essas pesquisas tenderem “a apresentar todo o pensamento ou opinião expressa como determinado pela ação combinada da história, da psicologia e da sociologia”. O resultado seria “a tendência da psicologia ao psicologismo, da sociologia ao sociologismo, da história ao historicismo” (Merleau-Ponty, 1990, p.151). Sem esgotar, em absoluto, a lista, ver também, para questões de fundo sobre a crise da Sociologia e das ciências sociais em geral, os artigos de Braudel (1986, p.7; 1986, p.75) e Horkheimer (1971, p.15).

Sociologia parece estar caracterizada por uma perpétua procura de si mesma. E isso talvez seja suficiente para distinguirmos uma primeira hipótese – dessa vez específica da Sociologia, para o movimento de deslocamento que nos preocupa. Assim, na falta de um entendimento mais decisivo sobre o que está acontecendo naquilo que torna a disciplina um empreendimento total, o método, na medida em que cria a aparência de condições de funcionamento, de resultados, adquire autonomia. É uma autonomia que, à primeira vista, não era pretendida entre os fundadores.

Por mais plausível que ela seja, é uma hipótese que não parece dar conta do desenvolvimento recente da Sociologia. Pelo menos não de todo seu desenvolvimento. Primeiro porque no quadro de um movimento de (re)fundação permanente do empreendimento sociológico, desde há muito tempo, não são poucos os autores que investem de forma incisiva nos aspectos que estamos considerando. Segundo, no universo de nossas inquietudes, o que queremos sugerir é a existência de uma vertente de mudanças que desemboca nos manuais e cujo escopo não pode ser debitado exclusivamente às características originais da ciência do social. Em seus delineamentos mais gerais, trata-se de um acontecimento marcado por ações historicamente identificáveis. E isso parece ser indubitável, se considerarmos as transformações internas de uma vertente da prática sociológica a partir dos anos 30. E um exemplo fundamental ilustra de forma significativa o caminho percorrido por essa tendência de sobrevaloração do método. Referimo-nos à linha de trabalho desenvolvida por Lazarsfeld.²⁴

Por meio desse autor, verifica-se que um interesse particular em torno da metodologia coincide com a importância concedida ao desenvolvimento de técnicas empíricas capazes de fazer progredir a pesquisa, não obstante uma despreocupação com a (re)fundação/desenvolvimento de uma teoria do conhecimento sociológico nos termos dos pioneiros fundadores. É um esforço que começa a obter sucesso e legitimidade já no início do século na Europa e se amplia com a migração de cérebros na direção dos EUA. É um esforço alimentado por um quadro institucional que apresenta características peculiares. Por um lado, o desenvolvimento de institutos de pesquisa financiados por contratos privados. Por outro, pesquisas que obedecem a dinâmicas ditadas pelo mercado. Um mercado que pode apresentar-se, em seus primórdios, na forma de partidos políticos ou empresas radiofônicas. De um modo geral, impõe-se a

24 Nas observações que se seguem, nosso texto fundamental de referência é Pollak, 1979.

necessidade de produção de informações detalhadas para a formulação de estratégias mercadológicas. Uma necessidade que, em termos de dinâmica de pesquisa, suporia uma "equivalência metodológica entre o voto socialista e a compra de um sabonete" (Lazarsfeld, citado por Pollak, 1979, p.47). Daí um desenvolvimento formidável de uma prática sociológica distinta daquela preconizada pelos clássicos. De fato, nos anos 30 – anos em que se verifica o aumento massivo dos meios consagrados à pesquisa social aplicada, a manifestação mais forte desse desenvolvimento é a emergência de um novo tipo de pesquisa que pretende abolir os limites estreitos entre a atividade política e a atividade de pesquisa. Trata-se de um acontecimento que se manifesta sob bases institucionais bastante novas (Pollak, 1979, p.48-50).

Uma das características dessa nova formatação da prática científica é a produtividade. E isso implica uma estratégia na qual os aspectos organizacionais são inseparáveis dos aspectos cognitivos: à divisão do trabalho e à organização hierárquica "eficaz" corresponde o refinamento da metodologia tanto quanto a standardização dos conceitos e das técnicas de pesquisa. Os dois concorrendo à fixação de instrumentos precisos para cada operação de pesquisa, para o cálculo *a priori* da produtividade em termos de produtos fixados em relações de fim de contrato (Ibidem, p.50).

Na década de 1940, o padrão já está estabelecido e o empirismo das sondagens pretendiam poder oferecer instrumentos diretamente úteis: a produção de informação representativa para uma população global e a predição de eventos a partir de sondagens. Entre os que exerciam o poder, as técnicas suscitavam a esperança de, enfim, prever as reações das massas e, então, evitá-las ou manipulá-las a tempo. Durante o esforço de guerra, quando o argumento da eficácia sempre prevalece, essa concepção da Sociologia aumentou ainda mais suas vantagens competitivas. Durante a guerra, o reforço dos laços entre a política e as ciências sociais – laços que haviam sido estabelecidos durante o *New Deal* – se traduz pelo reforço da posição empirista no seio do campo universitário americano (Ibidem, p.51). É uma situação que, após a guerra, fica configurada em um cisma na Sociologia entre uma orientação empirista que, em sua vontade de não suscitar suspeita por parte do poder, se especializava na coleta de dados e o refinamento estatístico, e uma crítica social que se importava pouco com a confrontação com o poder (p.52).

A aliança fechada entre política e pesquisa social deverá, pouco após a guerra, favorecer a consagração das técnicas de enquete e de sondagem. É um acontecimento que tem como referência prática e sim-

bólica a Sociologia de Lazarsfeld. Sua hegemonia atravessa a fronteira dos anos 60, amplia-se para além dos muros dos institutos de pesquisa, alcançando as universidades e chega à Europa e aos outros continentes. Trata-se de uma ascensão que implicou esforço de formação em pesquisa empírica. Impunha-se a produção de sociólogos para os mercados de trabalho com as características institucionais recém-fixadas. Segue daí a fundamentalidade dos manuais metodológicos. Entre os manuais que reduzem a Sociologia à metodologia e que surgindo nesse quadro que acabamos de desenhar são emblemáticos, especialmente, o já citado Sellitz (1959), Goode & Hatt (1952) e Zetterberg (1966).

Conclusão

Isso considerado, não é difícil propor uma vertente da Sociologia – aquela expressa fundamentalmente pelos manuais – como modo de um certo tipo de conhecimento e instrumento de acumulação e/ou controle social. Nessa vertente, aquilo que aparece como característico de uma presença interna não se manifesta fora de quadros institucionais bem definidos. Tampouco parece ser fenômeno único já que, como vimos, coisa muito similar acontece com outros ramos da ciência. É algo que deixa marcas que insinuam, por um lado, a relação entre o método e a idéia de que “conhecimento é poder”. Não é coisa que fique explícita nas páginas dos manuais. O que neles fica claro é uma *condição de sobrevalorização do método*. E, como dissemos antes, isso não significa senão que o método se teria tornado o meio privilegiado (e, em não poucas ocasiões, exclusivo) de definição da ciência. Trata-se de um desenvolvimento que, abandonando um núcleo significativo de concepções em torno das relações entre método e ciência, visível na história das ciências em geral e na da Sociologia em particular, se faz a partir de condições já criadas por certas ênfases, por certos usos da linguagem, mas principalmente pela intensificação de uma clara inserção da ciência nos mecanismos de produção, circulação e consumo que caracterizam a sociedade do século XX.

SANTOS FILHO, J. dos R. Science and method in sociology handbooks. *Perspectivas (São Paulo)*, v.23, p.101-118, 2000.

- **ABSTRACT:** *The way the handbooks deal with method does not bring into consideration the ontologic, epistemologic and gnoseologic characteristics. In fact, it means the annihilation of sociology as a whole science and it is clearly evident on the reduction of science to method. This emptiness implies the superevaluation of method and the consequent devaluation of sociology as a scientific investment.*
- **KEYWORDS:** *Sociology; theory of the sociologic knowledge; method.*

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ARON, R. *Les étapes de la pensée sociologique*. Paris: Gallimard, 1985.
- BACON, F. *Novum organum*, ou, verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p.1-229.
- BERNAL, J. D. *Science in history*. London: Penguin Books, 1971. v.I.
- BERNSTEIN, R. J. Introducción. In: BERNSTEIN, R. J. et al. *Habermas y la modernidad*. Madri: Cátedra, 1988. p.13-61.
- BRAUDEL, F. A longa duração. In: _____. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1986, p.7-39.
- _____. História e sociologia. In: _____. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1986. p.69-86.
- BROCKMAN, J. *Einstein, Gertrud Stein, Wittgenstein e Frankenstein: reinventando o universo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BRYANT, C. G. A. The French tradition of positivism: from positive philosophy to positive polity. In: _____. *Positivism in Social Theory and Research*. London: MacMillan, 1985. p.11-56.
- DAMPIER, W. C. *História da ciência*. Tradução, notas e complemento bibliográfico José Reis. São Paulo: Ibrasa, 1986.
- DESCARTES, R. Discours de la méthode. In: _____. *Discours de la méthode. Suivi des méditations*. Paris: Unión Generale des Editeurs, 1965.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Editora Nacional, 1978.
- FROMM, E. *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- GADOUREK, I. *Sociologische onderzoekstechnieken: inleiding tot de werkwijze bij het sociaal - en gedragswetenschappelijk onderzoek*. Deventer: Van loghun slaterus, 1972.

- GIANNOTTI, J. A. A sociedade como técnica da razão: um ensaio sobre Durkheim. In: _____. *Exercícios de Filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- GOODE, W. J., HATT, P. K. *Methods in Social Research*. New York: McGraw-Hill, 1952.
- HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HORKHEIMER, M. Sociologia y filosofía. In: ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. *Sociológica*. Madrid: Taurus, 1971. p.15.
- _____. *Éclipse de la raison: raison et conservation de soi*. Paris: Payot, 1974.
- IANNI, O. A crise de paradigmas na sociologia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (São Paulo)*, v.13, p.90-100, 1990.
- KERLINGER, F. N. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual*. São Paulo: Epu/Edusp, 1980.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- _____. La tradición matemática y la tradición experimental en el desarrollo de la física. In: _____. *La tensión esencial: estudios selectos sobre la tradición y el cambio en el ámbito de la ciencia*. México: Conacyt, Fondo de Cultura Económica, 1987. p.56-90.
- LUKÁCS, G. *The ontology of social being*. London: Merlin Press, 1978. v.2.
- LUKES, S. *Emile Durkheim: his life and work: a storical and critical study*. London: Penguin Books, 1977.
- MASSI, D. *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: Editora Senac, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. As ciências do homem e a fenomenologia. In: _____. *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumos de cursos: psicossociologia e filosofia*. Campinas: Papirus, 1990. p.151-214.
- MÉSZÁROS, I. *O poder da ideologia*. São Paulo: Ensaio, 1996.
- NASCIMENTO, C. A. R. Conhecer para dominar: Rogério Bacon. In: _____. *De Tomás de Aquino a Galileu*. 2.ed. Campinas: Unicamp/IFCH, 1998. p.89-152.
- POLLAK, M. Paul Lazarsfeld, fondateur d'une multinationale scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales (Paris)*, v.25, p.45-59, 1979.
- RANDALL, J. H. Los nuevos intereses de la edad moderna: el hombre natural. In: _____. *La formación del pensamiento moderno*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1952. cap.6.
- ROSSI, P. *A ciência e a filosofia dos modernos*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- SANTOS FILHO, J. dos R. Notas em torno da origem da tradição do método. *Estudos de Sociologia (Araraquara)*, v.5, n.8, p.143-72, 2000.
- SCHWARTZMAN, S. As ciências sociais nos anos 90. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (São Paulo)*, v.16, p.51-60, 1991.

- SELLTITZ, C. et al. *Research Methods in Social Relations*. New York: McGraw Hill, 1959.
- _____. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1974.
- SÈVE, L. *Marxismo e teoria della personalità*. Torino: Einaudi, 1973.
- STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea*. São Paulo: Epu/Edusp, 1977. v.1.
- ZETTERBERG, H. L. *On theory and verification in Sociology*. New York: Free Press, 1966.